TL 3188

Tomada de posiçao de um cristao timorense frente à situaçao de guerra em Timor Leste

CIDAC 00218
Centro de Documentação
-5. ABR 1985

Em Díli assiste-se quase diáriamente a enterros de soldados indonésios mortos em combate, sobretudo desde Janeiro para cá. Os funerais sao no cemitério militar de balide. Outros sao enterrados em Baucau. Esses mortos sao provenientes de combates travados nas zonas de Lospalos, Laga, Natarbora e redondezas, Ainaro e redondezas, e também da zona fronteiriça de Bobonaro, com elementos da FRENTE activos na guerrilha, actualmente com o apoio natural da chuva, do nevoeiro e dos caminhos cortados em quase todo o teritório nacional por causa do desgaste do terreno, também causado pelos javaneses que têm estado a cortar toda a floresta de ao longo das estradas num raio de cem metros.

Nota-se em Díli contínuo movimento de tropas e desembarque de material de guerra, e uma maciça invasao de civis javaneses para marginalizar o povo maubere, que ainda nao se refez do escalabro economico sofrido, aliado a todos os efeitos desta guerra ainda em curso.

Todo o policy está nas maos dos invasores e os poucos timores envolvidos sao só para a fachada, como os da "dpr" que estao só para enfeitar; está em curso a formacao de mais um batalhao 746 constituído por timores e comandado por javaneses. Timor Leste tornou-se um campo de exploracao para satisfazer às necessidades da massa explorada e miserável da Java, o alívio demográfico da Java e também na linha da javanizacao. Em Díli já existe fomentado por militares casas de prostituicao, para onde levam também mulheres timorenses, algumas delas forcadas. Eles metem-se com as jovens de Timor e intrometem-se em toda a parte. Os centros dessa nova avalanche de destruicao estao em Manleuana, em "Kampung Baru", perto do aeroporto de Díli, no Mercado onde se criou um dos muitos aldeamentos javaneses, vivendo como eles vivem na Java.

Nas escolas de hoje vários casos sucessivos de engravidamento; nas famílias eles metem-se com as mulheres dos presos, e nas cadeias abusam das mulheres presas por motivos políticos, como o caso que aconteceu em Baucau. Os militares, durante o mês de Novembro abusaram de cerca de dez mulheres, esposas de presos políticos, na pousada de Baucau; depois elas foram transferidas para dois campos separados, em Laga, à disposicao dos militares.

Entretanto por toda a parte reina a insegurança; os "biros" dos "surat jalan" ficaram mais complicados nos seus processos; no mês de Dezembro de 84, todos os taxistas de Díli foram obrigados a participar num "briefing" do comandante do "Kodim" de Díli, relacionado com a "infiltracao" da FRENTE : todos eles deviam alistar e comunicar á policia os passageiros "estranhos".

E tudo isto é o que se vê em Díli, em aparente calmaria e em aparente surto de desenvolvimento económico como se costuma apregoar. Mas, como sinal de resistência, está um forte underground de sentimentos anti-indonésios, imediata e fácilmente constatáveis em qualquer canto. Se em Díli a situacao está como está, quanto mais no interior por todo o Timor Leste sobretudo na zona leste, no centro norte e sul e centro oeste.

A longa tragédia até agora experimentada pelo povo de Timor Leste foi sempre vivida também pela Igreja que tem acompanhado o Povo através dos seus servicos humanitários. Os Padres que sao poucos matam-se a trabalhar, apesar de serem poucos. No meio de toda esta falta de Padres, o Povo mais do que nunca abre-se ào Cristianismo, porque sente que a

Igreja hoje é a defensora dos direitos e da verdade. Coloca nela a esperanca de libertacao, e é exactamente isto que lhe está garantindo uma grande credibilidade.

Nota-se também uma penetracao cada vez maior de padres e de "sisters" indonesianas. Mas também se começou a sentir muito uma forte tendência indonesianisadora, em ritmo cada vez mais rápido, fácilmente constatável em suas atitudes : andam nos carros militares, servem de agentes e de informadores e infiltradores à custa das credenciais de "pastor" e sister". Como exemplo desta atitude, um dia uma "sister" foi em visita a um campo de prisioneiros políticos. Lá procurou contactar com um preso, tentando aliciá-lo com dinheiro para servir de informador contra os outros presos. Esse preso rejeitou e foi comunicar isso ao Padre timorense.

Nao vieram para ajudar o Povo a ser o que quer ser a todo o custo. E ninguém abdicou ainda desse direito, nem mesmo os que por oportunismo político em situacoes desesperadas pareciam renunciar ao ideal de todos os timores: a Independência.

A Igreja em Timor Leste já tem uma personalidade própria, enraizada no Povo com esta cultura. Por isso ela é coluna de apoio para todas as suas aspiracoes humanas a todos os níveis. Ouve-se dizer que se nota o perigo de esta cultura se perder, de que a existência de padres, "sisters" e cristaos das outras dioceses da Indonesia aqui, cria o perigo de os dacui seguirem o mais fácil, por exemplo nas Missas. Para provar o contrário trabalhou-se o máximo para fazer a "Missa em Tétum", já aprovada oficialmente. Isto significa que nao se procurou seguir o mais fácil, porque foi preciso muito trabalho. Músicas tétum surgindo por toda a parte também é mais uma prova de que nao se aceita o indonésio como língua para as cerimónias religiosas. A falta de carácter é que leva alguns Padres a celebrarem numa língua alheia ao Povo, sob vários pretextos, entre os quais o de o Povo já nao saber português, quando testemunhamos que em todo o Timor se fala ainda o português. Se nao entendessem português, existe o Tétum compreendido em todo o território nacional e para isso foi feito a Missa em Tétum .

A motivacao básica, desta vénia em matéria de língua a usar na Missa parece ser a ____ de satisfazer os invasores, na mira de abastecimento de dinheiro que na realidade nestes tempos falta. Mas pensamos que nesta hora, fazer grandes construcoes de pedra e cal nao é o mais relevante. É sobretudo uma mentalidade colonialista, ou de colonizado que quer agradar aos senhores, mentalidade essa há muito ultrapassada pelo Povo Maubere, mas ainda perpetrada por alguns mais cultos, entre os quais os padres que se prestam para cargos ou actividades alienantes, que na realidade sao opostos aos reais interesses do povo Maubere.

O Povo Maubere luta desde há dez anos, e continuará até atingir o seu Ideal. E todos estao conscientes disso. Os Padres, de entre os que menos sofreram é que talvez pretendam ser "realistas" e negociar o destino do Povo Maubere, fazendo vénias a todos os que lhes garantem alguma liberdade de accao e "show", num país corrupto, com a agravante do islamismo retrógrado. Isso parece ser uma táctica para a aparente "defesa da Igreja" contra o suposto "comunismo" ilusóriamente tido como sendo a linha mestra do ideário da independência visada pela FRENTE.

Nas zonas ocupadas pelo exército invasor existe formado o aparato militar e civil militarizado do governo da Indonésia para as suas funcoes de pressao, controle e manipulacao. Entre esses está o "kantor agama", cujo credo principal é a Pancasila, na ignominiosa tarefa de controlar os adeptos das religioes. Isto é apenas indício de sistema comunista usado num país que se autoproclama anticomunista e profunda-

mente religioso, com todas as camadas da sua populacao reduzidos a robots diante das botas dos militares, inclusive os eclesiásticos.

Este "kantor agama" é um organismo estatal que procura ter a Igreja debaixo dos seus pés, com contínuos programas de mentalizacao, o "P4", mentalizacao da Pancasila, até para os padres e bispos; e despejando dinheiro em montes para as grandes obras materiais da Igreja.

Em Timor nunca se viu um funcionário do governo a fazer piedosas homilias; ou um ministro a pregar aos bispos; ou um funcionário do governo a fazer de catequista, entrando aldeia e saindo aldeia convidando à reza do terço "para acabar com os comunistas" porque " a integracao é o melhor".

Pensar ou dizer-se que hoje em Timor Leste nao se pode viver sem esse departamento governamental indonésio, é mostrar um nível de formacao religiosa deplorável em homens que nós consideramos a élite da liderança do nosso Povo, imcumbida do dever de defender os seus irmaos contra o invasor. Toda a gente procura prescindir do indonésio nos seus encontros; quando um deles surge, faz-se silencio mortal, todos procuram afastar-se. Só que eles sao intrusos; invadiram Timor Leste e intrometem-se agora nas famílias, roubando as filhas, entrando em festas sem serem convidados, semeando o terror. A expressao do povo Maubere é que sao como "caes famintos à procura de ossos".

Podemos e queremos viver sem eles. Seria a maior felicidade. E a Igreja, com o enorme crédito que tem aos olhos do POVO MAUBERE, pode viver sem o indonésio. O "kantor agama" tem de seguir os programas de Jacarta. Dizer-se que nós aqui temos de seguir esses programas, significa partir de uma suposicao de que isto já é Indonésia, o que nao é verdade, porque a luta continua. O Povo Maubere continua agarrado à sua metralhadora para libertar a sua terra e expulsar os invasores. Continuam a morrer como também morrem os indonésios enterrados em Díli e em todo o Timor Leste. Até as criancas sabem o que é um "bapak", porque eles também sofrem, mesmo os que andam nas escolas, porque continuamente tem de andar em formaturas e corridas debaixo do sol, contínuos agrupamentos massais organizados pelos "bapaks". Na sua idade procurarao algum prazer e relaxamento nisso tudo, mas como sentem o desprezo pelo Javanês, também sentem a raiva de o terem de suportar com todos os problemas que vivem : uma irma violada, problema de casa, de comida, medos, papeladas, etc.

Depois de toda esta experiência há a impressao de que a Indonésia é país sem lei, governado por um grupo de militares que por sucesso em campo militar subiram para o poder. Mas como o sucesso em campo militar nao garante um bom governo de um povo, aqui chega repercutido os efeitos da má organizacao desse país. Ninguém manda. Todo o oficialzinho é um pequeno presidente; até o "babinsa" manda quase plenipotenciáriamente em sua zona, como caes que guardam cada um a sua casota; dizer-se que há leis deles que temos de seguir, é partir também de uma análise errada da situacao, porque essas leis sao para o povo indonésio; e o Povo Maubere nao é indonésio e continua a lutar; as leis deles nao sao a lei de Deus que até nem se observam por medo dos indonésios.

Quem diz que é preciso observar as leis deles, nao sente o que o Povo Maubere sente, nao sofre com o sofrimento de todas as famílias de Timor Leste. Dizer que a Igreja sofre com o Povo Maubere ao mesmo tempo dando abraços aos generais que ordenam a matança deste mesmo Povo - é ser homem sem coracao, sem carácter, um egoísta em busca de poder. Passam-se insónias porque nao se consegue agarrar as fontes de dinheiro; nao se passam insónias porque o Povo sofre.

Se os Padres do Timor Leste de hoje nos abandonarem, nós continuaremos a luta. Se os Padres lutam ainda, é porque existem os que lutam

na frente armada da guerrilha, proporcionando assim para eles a razao de ser e a necessidade e dever de lutar porque o Povo luta. Mas se os Padres abandonarem a luta, nós continuaremos a luta até à última gota de sangue.

Fala-se muito hoje de que é preciso ser realista. Mas neutralidade é mentira. E diz-se que ser realista é colaborar. Mas colaborar com que fim? Se por acaso os Padres pensam que se deve colaborar para que a religiao crista continue em Timor Leste com a condicao da morte de todos os que nao aceitam a Indonésia - isso seria muito triste; aceitar a integracao nesse caso é fazer da religiao o ópio do Povo.

É muito triste ouvir dizer que é preciso colaborar porque é através do "departemen agama" que se recebem ajudas maciças. Grandes construcoes para que? A quem se serve com isso tudo?

Parece que quanto às "escolas da Diocese" se recebe muita ajuda do governo e o governo indonésio está sempre disposto a ajudar. Isso nao será sem esperar uma resposta igual. Diz-se que tudo é indonésio, mas os alunos nao sao indonésios, e os alunos estao conscientes disso. Por isso nao se sente necessário fundar mais escola de ensino independente.

Quando se diz que se quer colaborar sinceramente, mas nao com servilismo - é meter-se em barca do diabo. Em Timor Leste hoje, nem os ditos "colaboracionistas" colaboram sinceramente. É só porque precisam de dinheiro para viver - é a luta pela sobrevivência. Se os Padres querem colaborar tencionando assim levar o Povo Maubere para a "independência através da integracao" - outorgam-se para si um direito que nao lhes pertence, o de determinar os destino do Povo. Quereriam dizer que nao é servilismo, mas ao Povo Maubere choca muito ver os Padres a abencoar em dias 17s de Agostos, a aparecer de maos dadas com os militares. Tudo sorrisos para militares - o que nao acontece quando é com o próprio Povo. Mas, gracas a Deus, isso nao acontece com todos.

Dizer que para o timorense tanto faz viver debaixo duma bandeira ou doutra (antes, a portuguesa, agora a indonésia) é interpretar a realidade com mentalidade de colonizado. A classe culta também continua a luta. Nenhum timorense culto se sente rebaixado diante dos "pendatangs". Quem nunca falou de coracao a coracao com essa classe culta, nao sabe o que vai no íntimo deles. Quem ao receber os jovens em sua casa, os recebe com sorriso frio, pragmático porque nao tem tempo e tem muito a fazer, nao entende a alma desta Juventude do Timor Leste de hoje com todos os seus problemas.

E se se diz que agora é muito difícil viver a cultura timorense, pode-se por em questao o conceito de cultura que rege essa mentalidade. Se se pensa que, quer se queira quer nao, tem de se pensar como os indonésios - isso só mostra o nivel pouco elevado de maturidade humana. A linguagem do governo é uma linguagem Mas nao tem de ser essa a que todos em sua liberdade devam usar; e se nao se propoe a liberdade de usar a linguagem e atitude próprias, está-se a suicidar como homem e como Povo. Se os comportamentos a adoptar em público tem de ser os indonésios ou aqueles comportamentos do governo - está-se submetendo a uma escravidao psicológica, sócio-política e religiosa, incompatível com a dignidade humana. Os programas das escolas em zonas ocupadas pelos invasores sao os programas indonésios. Mas isto nao tem de singificar renúncia á identidade étnica, cultural, sócio-política e religiosa do Povo, que a juventude estudantil tem sabido manter até hoje. Constata-se que o agir, o pensar e o dizer do indonésio nao se impoem em todos os aspectos. O timorense continua a nao comer com as maos ou dedos.

"Pendatangs" ou turistas que passam ligeiros como gatos sobre fogo perguntam :"Onde pode haver ou onde há uma reaccao contrária?"

Está-se a ver continuamente o enterro de soldados indonésios, que a luta continua em todo o território sob várias formas; os aprisionamentos continuam; o comandante Mau Cmoruc penetrou em Díli; os desterrados para as outras ilhas continuam a partir em ondas sucessivas; negar isso, é fechar os olhos obstinadamente á realidade. Os centros de Cultura timorense estao na Resistência, quer na Resistência armada, quer na Resistência dentro das vilas - estao no Povo timorense.

Até hoje, o timorense permaneceu timorense até no folclore que nao desapareceu nem muda de cor artística. Se se pensa que a nível de folclore, usos e costumes e tradicoes nao se desenvolve, nao se enriquece e nao se preserva - isso só indica obscurantismo de principiante no entendimento do sofrimento do Povo. O Povo de Timor Leste continua a sua luta, nao está derrotado. Se se pensa que o Povo de Timor Leste está derrotado, derrotado é quem assim pensa porque bem instalados, longe do sofrimento, da longa marcha do Povo.

E se se diz que nas escolas os alunos se sentem inferiorizados quando apresentam uma danca "indígena", porque os outros se poe a rir, é simplesmente uma deturpacao da realidade dos factos. Os alunos continuam com o orgulho do tradicional e é exactamente o contrário que acontece. Riem-se do que é estrangeiro. O próprio Senhor Nuncio teve a ocasiao de testemunhar o orgulho com que foram executados alguns números do folclore tradicional timorense. Ainda neste campo cultural, dizer-se que a maioria analfabeta nunca ligou à cultura portuguesa é simplesmente erro de tacto histórico. Essa influência cedeu lugar agora ao ideal da auto-determinacao, continuando a transparecer no s costumes, no agir, na mentalidade, nas atitudes, na língua, nos valores morais socializados.

Timor Leste nao é Goa. Timor Leste nao é Irian Jaya.

O Povo de Timor Leste deve muito à grande obra missionária da Igreja, ao longo de todos estes séculos. Hoje ela enfrenta o grande desafio de ficar de pé sózinha (sem por isso ser uma Igreja ghetto) perante quem está contra este Povo. Nunca é tempo de a Igreja dizer que já fez demais pelo Povo criando invejas. Nunca a Igreja fez demais, sobretudo no aspecto social: os que vivem nas cercanias do mercado de Díli, as redondezas de Díli e por todo o interior. Já muito se fez, mas nao é demais.

Tudo isto sao problemas sociais muito ligados ao político. Sente-se a ajuda da Igreja para aliviar o sofrimento e parece querer solucionar problemas pendentes. Mas o que muito se espera é nao ser o tipo de "realista" tendendo para a integracao, impelida pelos favores económicos de uma potência militar. A Igreja nao tem que buscar ou forcar solucoes aos assuntos que têm conexao com a vida sócio-política. Ela só precisa de estar connosco, o Povo.

Por isso se diz que ter um bispo residencial ou só ter um administrador apostólico, nao faz diferença, porque o sofrimento do Povo continua. O problema é se o bispo serve o povo ou nao, se o administrador apostólico serve o povo ou nao, isentos ambos de forçar de forçar solucoes pessoais aos destinos de todo um Povo. Se alguma influência a Igreja tem até no campo sócio-político, essa mesma influência de forma alguma se espera ser utilizada contra o Povo. A entrada na "Mawi" da Indonésia por absurdo só teria sentido se a integracao fosse a vontade do Povo. Mas o Povo está numa luta de resistência contínua. Nao se sente nehuma necessidade de a diocese de Díli estar atrelada a nenhuma outra Diocese. Permanecer como está, garantiria firmeza ao lado do Povo que espera nao ser vendido por nada deste mundo. O ser única diocese com caractristicas próprias seria mais uma razao para nao começar a dividir, mas para mais se unir sob uma só administracao eclesiástica. Dizer-se que agindo assim é criar Igreja ghetto é criar pseudo-problema para justificar estruturas mentais condu-

centes a determinados fins políticos. A única esperanca é que a Igreja seja fiel ao Povo de Timor Leste.

É em nome de todos os prisioneiros de Timor Leste (hoje todos sao mais ou menos presos), de todos os sem voz em todo o Timor Leste que apelamos para todos os homens de boa vontade defensores do verdadeiro sentido da dignidade humana e dos direitos dos Povos, para que nos ajudem a alcançar a Liberdade.

Apresenta-se tudo isto nao só como timorenses que somos, mas como timorenses que querem, que aspiram e lutam pela libertacao e independência da sua terra agora sob a ocupacao indesejável das forcas militares do governo de Jacarta. Nao se trata também só de simples critérios revolucionários. O trabalho, a luta e todo o sofrimento do Povo de Timor Leste em defesa do direito e da justiça, só tiveram e só têm um objectivo: tomada de consciência da situacao de opressao da dignidade humana eopressao contra o direito natural e inviolável á independência e à paz verdadeira.

Nossa luta nao é contra regimes, mas contra toda e qualquer forma de opressao da dignidade e liberdade do Homem e do Povo, como está acontecendo em Timor Leste. Para Timor Leste, o único caminho viável para a garantia da dignidade e liberdade humanas e do Povo Maubere é a auto-determinacao e independência totais.

Sofremos, mas sabemos a causa pela qual sofremos, e sabemos também que é esse o custo daquilo a que se aspira. Por isso a luta continuará ainda que a Igreja aceitasse a horrenda humilhacao do Povo Maubere na forma da integracao na Indonésia.

A luta continua. Independência ou Morte.

Timor Leste, aos 20 de Fevereiro de 1985